

Circulação do conhecimento no Brasil

o papel das universidades e suas editoras



Por José Castilho Marques Neto

Doutor em Filosofia pela USP é professor na UNESP, Campus de Araraquara-SP. Presidente da Fundação Editora UNESP (www.editoraunesp.com.br) e da ABEU (www.abeu.org.br). Especialista em livro, leitura e bibliotecas, é consultor de várias instituições nacionais e internacionais.

Um pouco de história

É notória a imagem do Brasil como país gigante, imenso em sua grandiosidade territorial e populacional refletida em números superlativos. No entanto, até poucos anos atrás, esses números gigantescos não se reproduziam quando o tema era “educação” e “produção e circulação do conhecimento”.

País com um ensino superior tardio, reflexo da mentalidade colonial que o dirigiu até o primeiro quarto do século XIX, o Brasil conquistou sua primeira universidade voltada ao ensino, à pesquisa e à extensão em 1934, mais de cem anos após a independência de Portugal, quando foi criada a Universidade de São Paulo (USP). Até então o país formava seus quadros e fazia circular o conhecimento em instituições isoladas de ensino superior e, fundamentalmente, no envio dos filhos da elite para estudar no exterior, principalmente na Europa.

Durante longos anos viveu-se num pântano moroso e estável de não circulação do conhecimento –se esse conceito for entendido como algo que necessariamente deve estar voltado para o benefício do conjunto da população de um país, e não apenas de uma minoria privilegiada–.

O mesmo atraso no ensino e na pesquisa universitária se refletiu nos instrumentos permanentes e clássicos em que se faz circular o conhecimento: os livros e revistas científicas e suas editoras acadêmicas especializadas. Se a primeira universidade surgiu em 1934, a primeira editora universitária só nasceu em 1955 na Universidade Federal de Pernambuco. Apenas nos anos 1960 outras editoras surgiram principalmente aquela com um projeto inovador para a época e com grande preocupação em fazer circular o conhecimento. Eu me refiro à histórica experiência de Darcy Ribeiro na criação da Universidade de Brasília (UnB) em 1962, fundando

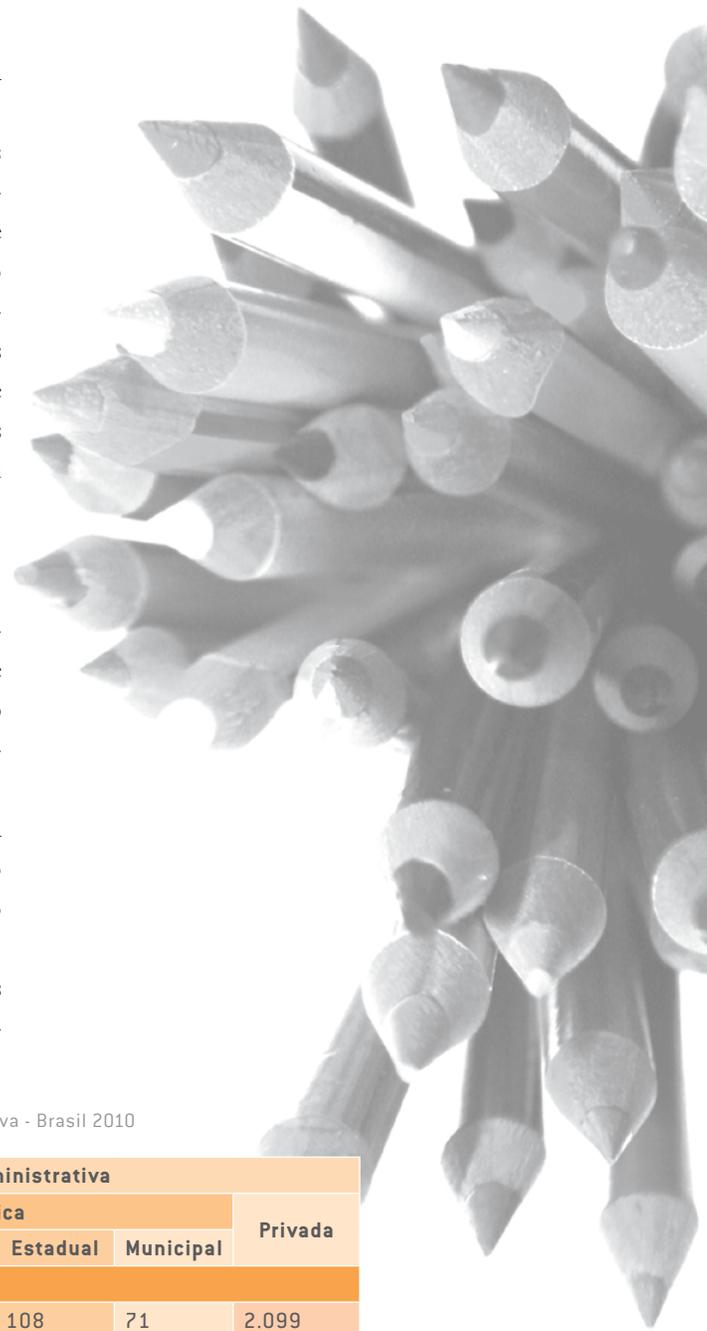
imediatamente sua editora que em 2012 completa 50 anos junto com a própria universidade.

A partir de 1986, com o fim da ditadura militar – que abortou projetos importantes como o da UnB, o Brasil intensificou, com um imenso esforço, programas como a universalização do ensino básico, posteriormente do ensino superior e os principais suportes para a produção e a circulação do conhecimento. A proposição do Estado brasileiro em produzir conhecimento e o fazer circular foi compartilhada por muitas unidades estaduais da federação, notadamente em São Paulo, com a criação da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP) em 1960 e suas três universidades públicas – a USP, a UNESP e a Unicamp –, responsáveis por expressivo percentual da pesquisa científica realizada no país.

O país de hoje

O quadro atual é muito diferente dessa difícil e tardia história da produção do conhecimento no Brasil. Atualmente o país conta com números que demonstram o crescimento e a universalização do ensino superior, partindo agora para sua qualificação. O *Censo da Educação Superior 2010*, realizado pelo Ministério da Educação/INEP (http://sistemascensosuperior.inep.gov.br/censosuperior_2010/) e divulgado em outubro de 2011, demonstra os avanços do país na ampliação e aperfeiçoamento do ensino superior no Brasil, base imprescindível para o avanço do conhecimento e sua difusão democrática.

A seguinte tabela demonstra em números o cenário sobre o qual o país procura aprimorar sua educação. A tendência, na conclusão do próprio Mi-



Estatísticas básicas de graduação [presencial e a distância] por categoria administrativa - Brasil 2010

Estatísticas Básicas	Categoria Administrativa					
	Total Geral	Pública				Privada
		Total	Federal	Estadual	Municipal	
Graduação						
Instituições	2.377	278	99	108	71	2.099
Cursos	29.507	9.245	5.326	3.286	633	20.262
Matrículas de Graduação	6.379.299	1.643.298	938.656	601.112	103.530	4.736.345
Ingressos [todas as formas]	2.182.229	475.884	302.359	141.413	32.112	1.706.345
Concluintes	973.839	190.597	99.945	72.530	18.122	783.242
Funcões Docentes em Exercício ¹	345.335	130.789	78.608	45.069	7.112	214.546

Pós-Graduação						
Matrículas de Pós-Graduação	173.408	144.911	95.113	48.950	848	28.497
Graduação e Pós-Graduação						
Matrículas total ²	6.552.707	1.788.209	1.033.769	650.062	104.378	4.764.498
Razão Matrículas total ² / funcões Docentes em Exercício	18,97	13,67	13,15	14,42	14,68	22,21

Nota1 Corresponde ao número de vínculos de docentes a instituições que oferecem cursos de graduação. A atuação docente não se restringe, necessariamente, aos cursos de graduação.

Nota 2 Inclui matrículas de graduação e de pós- graduação.

Fonte: MEC/Inep

nistério, demonstra um fértil e progressivo movimento do Brasil no tema que estamos tratando. Assim se expressa o documento acima citado:

Como efeito de ações e de políticas governamentais recentes voltadas para a expansão da oferta e a democratização do acesso e da permanência no ensino superior, os resultados do Censo da Educação Superior 2010 reafirmam a tendência de ampliação do atendimento nesse nível de ensino ao longo da década. Essas diretrizes revelam sintonia com o Plano Nacional de Educação 2001-2010 que, entre outros objetivos, estabelece a expansão da oferta de educação superior, a diminuição das desigualdades por região nessa oferta e a diversificação de um sistema superior de ensino para atender clientela com demandas específicas de formação (p. 3).

Dentre as várias inferências que podemos extrair do quadro acima, destacaria o número de alunos matriculados na graduação em 2010 –6.379.299– mais do que o dobro alcançado em 2001! O quadro também apresenta um número expressivo de alunos na pós-graduação –173.408–, tendência de crescimento também impulsionada pela procura por aprimoramento dos quadros de docentes do ensino superior. Esse movimento de fazer circular o conhecimento por interlocutores melhor qualificados se reflete nos números desse mesmo documento do MEC: de 2001 para 2010 ocorreu um crescimento da titulação docente muito acentuado, principalmente de novos doutores com uma elevação de 123% em relação a 2001. O mesmo se repete em relação aos alunos que concluíram o mestrado –crescimento de 99,6%–.

Ora, se a melhor qualificação docente e o esforço de universalização do ensino superior é objetivo permanente e progressivo no Brasil, constituindo-se em fonte imprescindível para a produção e a circulação do conhecimento, as editoras acadêmicas ligadas às universidades brasileiras também respondem positivamente para que o saber científico e o conhecimento produzido tenham ainda maior circulação entre os leitores brasileiros. Inclusive entre aqueles brasileiros que não frequentam ou já frequentaram os cursos superiores.

A criação da ABEU (Associação Brasileira das Editoras Universitárias) em 1987 expressou uma movimentação virtuosa das editoras universitárias que procuravam expandir seus horizontes e limites intramuros da academia, fazendo chegar ao leitor em geral o que de melhor se produzia nas atividades de pesquisas de suas universidades. A partir dessa somatória de esforços, do intercâmbio de experiências entre as editoras, do aparecimento de projetos editoriais inovadores e ousados, podemos afirmar que também hoje as editoras universitárias brasileiras são veículos importantes na circulação do conhecimento junto à população brasileira. E o quadro é amplo e multidisciplinar. Temos catálogos repletos que vão desde a recuperação da memória local e regional, das culturas populares



...as editoras acadêmicas ligadas às universidades brasileiras também respondem positivamente para que o saber científico e o conhecimento produzido tenham ainda maior circulação entre os leitores brasileiros. Inclusive entre aqueles brasileiros que não frequentam ou já frequentaram os cursos superiores.

e suas influências culturais e literárias, até análises em todos os campos das ciências humanas, das ciências da terra, das ciências biomédicas, das ciências exatas etc. Todo esse rol de assuntos essenciais para a boa difusão científica e tecnológica está à disposição em livrarias regionais, em livrarias virtuais, em feiras de livro por todo o país, em encontros de áreas científicas, etc.

Hoje, se é ampla a circulação do que se produz nas editoras universitárias para todo o país, também é ampla a produção dessas editoras. Em pesquisa realizada com dados de 2010, constatou-se que, em média, as 102 editoras acadêmicas vinculadas à ABEU publicam 2.000 títulos novos, em primeira edição por ano, quando o total de títulos em primeira edição no Brasil em 2010 foi 18.712. Portanto, em 2010, as acadêmicas responderam por 11% do total publicado no país, o que não é desprezível em termos de circulação do conhecimento.

Embora produzam muito, as editoras universitárias vinculadas às instituições de ensino superior acumulam dificuldades administrativas e funcionais que as impedem de ter um desenvolvimento compatível com o crescimento e as necessidades de seu público leitor. Isso se reflete nas dificuldades em vender e fazer girar os seus produtos pelas livrarias e distribuidoras de alcance nacional. Esse fator faz que editoras que publicam livros de nível universitário, mas que não se vinculam às instituições de ensino e pesquisa sejam as principais responsáveis pelo faturamento em vendas do setor que a Câmara Brasileira do Livro em sua pesquisa anual classifica como o setor de “Científicos, Técnicos e Profissionais – CTP”. Somadas, as editoras privadas e aquelas vinculadas às academias apresentam um desempenho

médio em produção e vendas invariavelmente positivo nos últimos anos, seja no faturamento, seja no número de exemplares vendidos.

Longe de ter alcançado uma posição ideal, a circulação do conhecimento vinculado às edições acadêmicas acompanham, um pouco atrás, o desenvolvimento da expansão das instituições superiores de ensino e pesquisa. E entendo que caberá a elas, num momento de transição de estruturas e recomposição do mercado editorial, pressionado mundialmente pelas transformações da era digital, um papel importante na circulação ampla e democrática do conhecimento, principalmente por poderem fugir da ditadura dos *best-sellers* e por poderem continuar a publicar novos autores.

Finalmente, devemos levar em conta que as iniciativas de democratização do acesso às pesquisas e textos científicos são cada vez mais estimuladas pelas editoras universitárias. Acaba de ir ao ar o mundialmente inédito programa SciELO Books, desdobramento de um dos portais virtuais mais influentes para a circulação de conhecimento no mundo, até aqui referenciado no setor de periódicos científicos – Scientific Electronic Library On-line - <http://www.scielo.br>. A partir de um consórcio entre os controladores do portal e as editoras universitárias da UNESP (Universidade Estadual Paulista), FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz) e a UFBA (Universidade Federal da Bahia), o Brasil contribui com um forte instrumento virtual, e com a credibilidade do selo SciELO, para a qualificada circulação mundial do melhor conhecimento que se produz nas instituições de ensino e pesquisa do nosso país.

